



QUEM SÃO E COMO VIVEM OS JAVAÉ DA ILHA DO BANANAL

Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo *Inỹ*

WHO THEY ARE AND HOW THE BANANAL ISLAND JAVAÉ LIVE

A brief tour of the art and culture, language, social organization and livelihoods of these *Inỹ* people

QUIÉNES SON Y CÓMO VIVEN LOS JAVAÉ DE LA ISLA DE BANANAL

Un breve recorrido por el arte y la cultura, la lengua, la organización social y los medios de vida de este pueblo *Enỹ*

*Solange Cavalcante de Matos*¹

Universidade Federal do Tocantins – UFT

E-mail: solangecavalcante2915@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7085-7478>

*Francisco Edviges Albuquerque*²

Universidade Federal do Tocantins – UFT

E-mail: fedviges@uol.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

Resumo

O presente texto faz uma breve descrição e reflexão a respeito do povo indígena Javaé, habitantes imemoráveis da Ilha do Bananal - TO, abordando seus aspectos linguísticos, culturais, mitológicos e artísticos, bem como sua organização social e formas de subsistência, com o objetivo de conhecer um pouco os costumes desse povo e saber como tem lidado com o processo intercultural de convivência com a sociedade majoritária. Trata-se de um estudo bibliográfico, com enfoque qualitativo, realizado com base em pesquisadores que já desenvolveram estudos nas aldeias Javaé, tais como: Aryon Rodrigues (1986); Patrícia Rodrigues (2008); Grupioni (2001); Toral (2002); Lourenço (2009); Mattos et al (2013); Saburaia Javaé (2014); Ramos (2016); dentre outros. Os resultados revelam que esse povo, que se autodenomina *Inỹ*, possui cosmologia, arte e cultura muito ricas e que, apesar dos desafios enfrentados, na contemporaneidade, para manter sua identidade étnica, tem lutado para continuar vivendo em suas terras e praticando seus rituais sagrados, sua arte e tradições culturais. Veremos que os

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Línguas e Literatura da Universidade Federal do Tocantins – UFT/Câmpus Araguaína. Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB (2014). Atualmente é professora efetiva do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO/Campus Gurupi.

² Pós-Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB (2013); Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2007) e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG (1999). Atualmente é professor do Curso de Letras da UFT – Câmpus Araguaína e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Línguas e Literatura – PPGL da Universidade Federal do Tocantins – UFT e coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas – LALI, da mesma universidade.

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo *Inỹ*. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



principais desafios encontrados pelos Javaé estão relacionados ao convívio com a sociedade majoritária, o que tem contribuído para a perda de sua língua e cultura; além da escassez dos recursos naturais da Ilha do Bananal, causada pela exploração do homem branco. Esses desafios têm levado os Javaé a procurarem novas formas de subsistência, bem como a adquirirem conhecimentos científicos do homem branco que lhes permitem interagir de forma mais autônoma com a sociedade não indígena e assumirem cargos públicos dentro de suas próprias aldeias, como os de professores indígenas, agentes de saúde indígena, dentre outros, o que, de certa forma, tem sido positivo para o bem estar das comunidades e para a manutenção de sua identidade étnica.

Palavras-Chave: Povo Javaé; Arte; Cultura; Subsistência; Interculturalidade.

Abstract

This text provides a brief description and reflection about the Javaé indigenous people, immemorial inhabitants of Bananal Island - TO, addressing their linguistic, cultural, mythological and artistic aspects, as well as their social organization and forms of subsistence, in order to know a little about the customs of these people and to know how they have dealt with the intercultural process of living with the majority society. This is a bibliographic study, with a qualitative focus, carried out based on researchers who have already developed studies in the Javaé villages, such as: Aryon Rodrigues (1986); Patrícia Rodrigues (2008); Grupioni (2001); Toral (2002); Lourenço (2009); Mattos et al (2013); Saburaia Javaé (2014); Ramos 2016); among others. The results reveal that these people, who call themselves Iny, have very rich cosmology, art and culture and that, despite the challenges faced today, to maintain their ethnic identity, they have struggled to continue living in their lands and practicing their sacred rituals, its art and cultural traditions. We will see that the main challenges faced by Javaé are related to living with the majority society, which has contributed to the loss of their language and culture; besides the scarcity of the natural resources of Bananal Island, caused by the exploitation of the white man. These challenges have led the Javaé to seek new forms of subsistence, as well as to acquire scientific knowledge from the white man that allows them to interact more autonomously with non-indigenous society and to assume public positions within their own villages, such as those of indigenous teachers, indigenous health agents, among others, which, in a way, has been positive for the well-being of the communities and for the maintenance of their ethnic identity.

Keywords: Javaé people; Art; Culture; Subsistence; Interculturality.

Resumen

Este texto ofrece una breve descripción y reflexión sobre el pueblo indígena Javaé, habitantes inmemoriales de la Isla Bananal - TO, abordando sus aspectos lingüísticos, culturales, mitológicos y artísticos, así como su organización social y formas de subsistencia, con el objetivo de conocer un poco sobre las costumbres de este pueblo y saber cómo han afrontado el proceso intercultural de convivencia con la sociedad mayoritaria. Se trata de un estudio bibliográfico, con enfoque cualitativo, realizado a partir de investigadores que ya han desarrollado estudios en las aldeas de Javaé, tales como: Aryon Rodrigues (1986); Patrícia Rodrigues (2008); Grupioni (2001); Toral (2002); Lourenço (2009); Mattos et al (2013); Saburaia Javaé (2014); Ramos 2016); entre otros. Los resultados revelan que ese pueblo, que se hace llamar Iny, tienen una

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



cosmología, arte y cultura muy rica y que, a pesar de los desafíos que enfrentan hoy, para mantener su identidad étnica, han luchado por seguir viviendo en sus tierras y practicando sus rituales sagrados, su arte y tradiciones culturales. Veremos que los principales retos a los que se enfrenta Javaé están relacionados con la convivencia con la sociedad mayoritaria, que ha contribuido a la pérdida de su lengua y cultura; además de la escasez de los recursos naturales de la Isla Bananal, provocada por la explotación del hombre blanco. Estos desafíos han llevado a los Javaé a buscar nuevas formas de subsistencia, así como a adquirir conocimientos científicos del hombre blanco que les permita interactuar de manera más autónoma con la sociedad no indígena y asumir cargos públicos dentro de sus propias aldeas, como los de profesores indígenas, agentes de salud indígenas, entre otros, lo cual, de alguna manera, ha sido positivo para el bienestar de las comunidades y para el mantenimiento de su identidad étnica.

Palabras-clave: Pueblo Javaé; Arte; Cultura; Subsistencia; Interculturalidad.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em diversidades culturais e étnicas e dentre essas diversidades podemos destacar os povos indígenas, os quais, de acordo com dados do último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizado em 2010, somam mais de 300 povos distintos, falantes de cerca de mais de 200 línguas indígenas, com diferentes culturas, manifestações artísticas, formas de organização social e maneiras peculiares de lidar e agir no mundo e de produzir conhecimentos.

Sabemos que, durante o processo de colonização do país, muitos povos foram dizimados e os que sobreviveram tiveram suas culturas subjugadas e invisibilizadas e foram forçados a aderirem à religião dos invasores e a integrarem-se aos costumes da sociedade majoritária. Não obstante, ainda existem muitos povos indígenas que preservam suas tradições culturais e modos de vida, os quais, apesar de conviverem com a sociedade envolvente, ainda vivem em suas aldeias e praticam seus rituais sagrados, falam suas línguas maternas, criam suas pinturas corporais, fabricam adereços e utensílios indígenas e vivem da caça, pesca e do cultivo da terra, na medida do possível, é claro, já que os recursos naturais estão, atualmente, bastante escassos, devido, sobretudo, ao mau uso por parte do homem branco.

Nesse viés, a fim de verificar como vivem, de fato, esses povos no atual contexto sócio-histórico, nos propusemos a fazer um breve estudo a respeito de um povo específico: o povo indígena Javaé, que vive na Terra Indígena Parque do Araguaia, na Ilha do Bananal³, Estado do Tocantins. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, com enfoque qualitativo, a respeito da mitologia, cultura, arte, língua, organização social e formas de subsistência desse povo, com base em pesquisadores que já

³ “A Ilha do Bananal – conhecida pelos Javaé por *Iny Olona* (o lugar onde surgiram os *Iny*) ou *Ijata olona* (o lugar onde surgiram as bananas) – está localizada no estado do Tocantins, banhada pelo rio Araguaia (*Berohokj* – grande rio) e seu braço menor, rio Javaés (*Bero biawa* – rio companheiro/amigo), é a maior ilha fluvial do planeta, com aproximadamente 20.000 km². Ao lado leste da ilha, encontram-se os municípios do estado do Tocantins, e ao lado oeste o estado do Mato Grosso. Tem o clima tropical, uma fauna e flora diversificada, representando a transição entre o cerrado e a floresta amazônica. As estações são marcadas pelas características do inverno (*beorá*) – de novembro a abril – período de chuvas, em que o rio enche; e do verão (*wyra*) – de maio a outubro – período de seca, em que em certos pontos é possível atravessar o rio Javaés a pé. A riqueza de diversidade de sua fauna e flora delinea o calendário utilizado pelos Javaé para desenvolver as atividades na comunidade indígena (como a pesca e caça tradicional, os rituais, e o trabalho na roça), pois cada época do ano é marcada por fenômenos típicos – em julho os trajaás (espécie de tartaruga) colocam seus ovos e ocorre a piracema (subida dos peixes) em abril.” (RAMOS, 2016, p. 27 – 28).

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

estudaram os Javaé, tais como Aryon Rodrigues (1986); Patrícia Rodrigues (2008); Toral (2002); Lourenço (2009); Mattos et al (2013); Saburaja Javaé (2014); Ramos 2016); dentre outros.

Cumpramos ressaltar que os Javaé, que se autodenominam *Iny*, viveram, durante muitos anos, isolados do convívio com a população envolvente, devido, principalmente, às violências cometidas pelo homem branco durante o processo de colonização. Hodiernamente, contudo, estabelecem convivência pacífica com a sociedade majoritária, procurando preservar, outrossim, suas tradições culturais, sendo bilíngues em língua portuguesa e língua materna Javaé (*Inyrybè*).

Veremos que esse povo enfrenta, atualmente, muitos desafios relacionados ao contato com a sociedade envolvente, sobretudo no que concerne à forma de subsistência de suas famílias dentro da Ilha do Bananal, visto que as ações do homem branco têm causado transformações na biodiversidade da região, levando os Javaé a buscarem novas formas de sobrevivência e interação com a sociedade majoritária, sem, contudo, abandonar suas tradições culturais, língua materna e modo de vida.

A ORIGEM MITOLÓGICA DO POVO JAVAÉ

Consoante ao que narram os Javaé, seu povo ancestral vivia no Fundo das Águas (*Berhatxi*), muito antes de existir esse mundo terrestre em que vivemos hoje. Nesse local onde viviam não havia doenças e nem morte, porém, apesar da tranquilidade e facilidade desse mundo subaquático, começaram a ter curiosidade pelo desconhecido mundo terrestre, uma vez que tinham algumas restrições como a escuridão e dificuldade para locomoção devido ao acúmulo de lama no mundo *Berhatxi*. Então, descobrindo uma abertura, os povos começaram a sair do Fundo das Águas e passaram a habitar o nível cosmológico terrestre, chamado de *Ahana Ôbira*, que significa “o povo com a face de fora”. A antropóloga Patrícia de Mendonça Rodrigues

esteve entre os Javaé e narra, em sua tese de doutorado, publicada em 2008, o mito de criação desse povo, relatado a ela pelos anciãos das aldeias que visitou:

Muito antes do mundo em que vivemos existir do modo como o conhecemos agora, dizem os Javaé, já havia povos diversos morando em um lugar abaixo dos leitos dos rios e lagoas, no Céu e também neste plano terrestre e visível, mas tudo era diferente de hoje. O sol estava no Céu, mas não iluminava a terra que habitamos nem o mundo abaixo das águas, só havia a escuridão. A vida abaixo das profundezas das águas era maravilhosa, as pessoas não passavam fome, viviam sempre jovens e bonitas, não precisavam trabalhar e nem morriam, pois tudo era mágico, bastava desejar comer e o peixe e a caça apareciam. Longe do sol, era um lugar bem mais fresco, às vezes até frio. Não havia doenças, brigas, mexericos e os filhos, assim como a comida, apareciam magicamente, conforme o desejo de cada um, sem necessidade de nenhum contato sexual. Era, portanto, um lugar sem afins, ninguém devia nada para ninguém, todos eram parentes entre si. Entretanto, apesar de tantas qualidades, o mundo subaquático, chamado *Berhatxi*, o Fundo das Águas, não era um lugar perfeito. Além da escuridão, havia muita lama até a altura dos tornozelos em todos os lugares, o que dificultava bastante a locomoção. Para alguns povos não havia outro tipo de comida que não fosse peixe e caça e, quando preparada, ficava um pouco crua, nunca totalmente cozida. A água para beber era também um pouco escura, não muito agradável. Por fim, não se conhecia o prazer do sexo. Então, como era de se esperar, aconteceu um dia que alguns moradores desse paraíso imperfeito fossem tomados pela curiosidade de conhecer o mundo terrestre que ficava acima de suas cabeças, e para o qual havia algumas passagens que passaram a ser utilizadas, em locais e momentos diferentes, pelos vários povos do Fundo das Águas. Apesar da diversidade entre eles, para todos a saída do quase-paraíso representou a passagem de um lugar subaquático fechado, “dentro”, com limites definidos, para um espaço “fora”, amplo e aberto, o nível terrestre em que habitamos agora, e que se mostraria igualmente fascinante, pelas novidades que seriam encontradas, e aterrorizante, pelos preços que seriam pagos por elas. (Rodrigues, 2008, p.47- 48)

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo *Iny*. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Um dos povos míticos que saíram das águas foi o povo *Ijèwèhè*, sendo *Tanx̄xiwè*, descendente desse povo, quem estruturou o mundo terrestre (*Ahana Òbira*). Com base nos estudos de Rodrigues (2008), Ramos, 2016, p. 23 afirma que “*Tanx̄xiwè*, em sua caminhada mítica, conquistou o sol e organizou os povos que saíram do *Berhatxi* em sociedades”.

As conquistas desse herói criador, de quem os Javaé se declaram descendentes, “permitem o estabelecimento da estrutura espaço-temporal cósmica atual, incluindo a marcação dos ciclos do tempo e a configuração do espaço”. (Rodrigues, 2008, p.103). De acordo com Lourenço (2009, apud Ramos, 2016, p. 24), “outro local fundamental na cosmologia Javaé, é o mundo celeste, *Biu Wètyky*, ‘o corpo e a barriga do céu’, onde habitam os seres mágicos”.

O homem branco – o *tori* –, na mitologia Javaé, tem seu lugar, sendo, assim como os Javaé, um dos povos descendentes dos *Ijèwèhè*. Nota-se que o contato com os não indígenas, por meio do processo de colonização, também está presente nos mitos, conforme menciona Ramos (2016).

Percebe-se, na descrição de Rodrigues (2008) sobre a complexa mitologia do povo Javaé, que o discurso mitológico desse povo é uma forma de consciência histórica e que há muitas semelhanças entre o mito de origem dos Javaé com os dos Karajá. Inclusive, há pesquisadores que dizem que esses dois povos são, na verdade, o mesmo povo. Todavia, nos mitos que os anciãos Javaé contam, consideram que são eles o grupo original, o primeiro a sair das águas para habitar a terra. “Os Javaé não se percebem como um ‘subgrupo Karajá’, [...] mas como um povo único e como a principal fonte cultural e linguística da qual os Karajá e Xambioá se nutriram” (Rodrigues, 2008, p.30).

A pesquisadora Gabriela Camargo Ramos, que desenvolveu sua pesquisa de mestrado recentemente (2016) com o povo Javaé, notou que apesar das semelhanças culturais entre os

povos Javaé e Karajá, ambos tentam manter identidades étnicas próprias, procurando marcar as diferenças e manter a “superioridade” em relação ao outro grupo, assim, os Javaé consideram os Karajá “inferiores” e vice-versa. Entretanto, isso não prejudica as relações históricas e atuais de afinidade e reciprocidade entre esses povos. “Nas festas tradicionais dos Javaé muitos Karajá atravessam a Ilha do Bananal para comemorar com seus ‘parentes’. Há casamentos entre eles, dentro de aldeias Javaé moram alguns Karajá e o contrário também acontece.” (Ramos, 2016, p. 26).

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Conforme Rodrigues (2008), os Javaé apresentam uma organização social dividida entre metades cerimoniais, classes de idade, a endogamia de aldeia e de parentela, a uxorilocalidade, o casamento preferencial com primos cruzados bilaterais distantes, referindo-se aos afins com tecônimos, desaprovando os casamentos interétnicos, apesar de haver, atualmente, um aumento destes. De acordo com Lourenço (2009):

Há, cada vez mais, uma flexibilidade nas regras da uxorilocalidade, de modo a permitir que os homens casados residam na casa de seus próprios pais e não mais na casa dos sogros. No entanto, não significa que as prestações matrimoniais deixaram de ser relevantes. Pelo contrário, as prestações matrimoniais entre genros e sogros ainda são uma das principais armaduras sociológicas da socialidade Javaé. (Lourenço, 2009, p. 33)

Essas “prestações” de que fala Lourenço (2009) referem-se a agrados que os genros devem fazer aos sogros, como, por exemplo, carregar as comidas (mel, mandioca, peixes e caças) e a lenha para os sogros e também para os cunhados. Em seu trabalho, a autora traz relatos de um indígena (*Karuta*, da aldeia *Wariwari* – 12/09/2007) em que este afirma que, antigamente, o homem, quando casava, morava junto da família da esposa, mas agora mudou um

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



pouco, pois o marido também pode levar a esposa para outra aldeia.

Ramos (2016, p. 45) menciona que os casamentos interétnicos são evitados, entretanto, “atualmente houve um aumento de casamentos entre Javaé e indígenas de outras etnias como Karajá e Tuxá (devido ao processo histórico de aglutinação dos índios em um só lugar), e casamentos entre Javaé e não indígenas.”

Lourenço (2009) descreve como são construídas as aldeias Javaé, enfatizando que o desenho da aldeia delimita bem o espaço dos homens e o espaço das mulheres e crianças:

As unidades uxori-locais são construídas ao longo de uma, duas ou três linhas retas e paralelas ao rio. Em oposição assimétrica ao lado do rio, situa-se a casa dos homens (*ijoi heto*) ou Casa de Aruanã (*Irassò heto*) de acesso proibido às mulheres. [...] O desenho da aldeia Javaé possui uma delimitação bem definida entre o espaço dos homens e o espaço das mulheres e crianças. A Casa dos Homens (*ijoi heto*) localiza-se no

meio (*tya*) das duas extremidades rio acima e rio abaixo. A partir da casa dos homens, começa as estradas de Aruanã, chamadas de *Irassò Ube*, palco principal das performances rituais. (Lourenço, 2009, p. 34).

Conforme Rodrigues (2008), os Javaé utilizam a primogenitura como principal critério para a transmissão dos bens culturais, como cargos cerimoniais e identidades sociais (*aruanãs*⁴), sendo transferida ao filho primogênito a continuidade de bens/identidades que garantem prestígio social à família, criando, assim, um diferencial hierárquico dentro da sociedade Javaé.

⁴ “A palavra ‘aruanã’ é a tradução portuguesa (de origem tupi-guarani) para *irassò*, o nome do peixe amazônico *osteoglossum bicirrhosum*. É importante deixar claro que os aruanãs não são peixes, mas apenas os humanos mascarados mágicos e não sociais que, na maior parte, vivem no nível inferior, abaixo das águas, e que comparecem aos rituais realizados pelos humanos terrestres.” (Rodrigues, 2008, p.274).

Lourenço (2009) explica que as chefias política e xamânica na sociedade Javaé estão relacionadas, cada uma delas, a uma esfera do cosmo. Assim, existe o *ixywèdu* ou *hāwawèdu* (dono da aldeia), que é a liderança cuja atuação recai sobre as relações sociais e políticas da aldeia e desta com a sociedade envolvente. O cargo de cacique é herdado pela linha de filiação do primogênito ao caçula, como a lógica de transmissão da chefia política dos *lolò*, herdada também pela primogenitura.

Os chefes que sucedem o *hāwawèdu* – o fundador de um local – são chamados de *ixywèdu*, se tornam responsáveis, assim como os *ìòlò*, pela mediação dos conflitos internos e principalmente pela relação com os estrangeiros. Após a intensificação das relações com os não indígenas, o *hāwawèdu/ixywèdu* – nomeado como cacique pelo ocidente – se tornou responsável pelas relações estabelecidas com a sociedade envolvente, representando um importante poder político perante a comunidade; pois é o *hāwawèdu/ixywèdu* que participa das reuniões políticas com os representantes do governo, autoriza pesquisas e negocia a entrada de pescadores ou criadores de gado na Ilha do Bananal. Apesar da autoridade que representa, ele tem pouca influência nas atividades cerimoniais, as quais são de responsabilidade do chefe ritual. (Ramos, 2016, p. 46)

Sobre o chefe ritual – *ixytyby* – Ramos (2016) afirma que este é quem conduz as cerimônias na aldeia, sendo responsável por conduzir o *hetohokỹ* – ritual de iniciação masculina dos *Inỹ*. Sobre esse ritual, Samuel Saburua Javaé, em seu trabalho de conclusão de curso diz que se trata da:

“[...] grande festa ritual Hetohoky do povo *Inỹ* Javaé, que representa a passagem do menino de criança para adolescente, sendo considerado também adulto e já torna responsável por ele mesmo pode até casar. Esses meninos quando passam na fase da adolescência são educados pelos espíritos dos bichos que são: aves, animais e peixes (*worosy-worosy*). Esses espíritos vêm para a festa Hetohokỹ surgindo do fundo da água e da mata para educar os adolescentes, são chamados

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo *Inỹ*. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

de 'jyre'. Quando o menino recebe nome de jyre fica autorizado a ir na casa do aruanã, onde os homens se reúnem, contam histórias dos antepassados, mitos, músicas e outros que são contados somente para os jyre" (Saburua Javaé, p. 29, 2014).

Para conduzir essa cerimônia, bem como as demais que ocorrem nas aldeias, é imprescindível que o *ix̄tyby*, o chefe ritual, tenha bastante conhecimento sobre a mitologia Javaé. Ramos (2016) enfatiza que, diferente do que acontece com a transmissão hereditária das chefias políticas (cacicado), a transmissão do título de chefe ritual não segue essa regra da hereditariedade: "como é um cargo vitalício, ao falecer um *ix̄tyby* os pais dos meninos que serão iniciados no *hetohok̄y* escolhem o próximo chefe ritual, com o principal critério de que o sucessor tenha os conhecimentos necessários." (Ramos, 2016, p. 46).

PINTURAS CORPORAIS E FABRICAÇÃO DE ADEREÇOS E UTENSÍLIOS: A ARTE DO POVO JAVAÉ

Sabemos que faz parte da cultura indígena pintar o corpo e usar adereços feitos a partir de matéria-prima encontrada na natureza. Cada povo indígena tem sua forma peculiar de pintura e de artesanato, que é parte integrante de sua identidade étnica. A história sobre o surgimento das pinturas Javaé é contada pelos mais velhos de forma mitológica, revelando a abertura desse povo à alteridade. A pesquisadora Patrícia Rodrigues (2008) nos apresenta uma versão desse mito, segundo o qual *Tan̄xiwè*, herói descendente dos povos míticos que saíram das águas, em sua caminhada pelo mundo terrestre (*Ahana Òbira*), encontrou as pinturas corporais e as letras no ânus de um homem chamado *Woros̄y*, então, *Tan̄xiwè* conquistou as pinturas corporais para os indígenas e entregou as letras para os não indígenas. Segundo a autora:

Em algum ponto da sua caminhada, *Tan̄xiwè* viu,

de longe e sem ser notado, que um homem, chamado *Woros̄y*, pintava em um pente as pinturas que ele via em seu próprio ânus. Intrigado com a cena, *Tan̄xiwè* aproximou-se como se nada tivesse visto. Desconfiado e preocupado, o *Woros̄y* testou-o, querendo saber se ele havia visto algo, o que ele negava firmemente. Por fim, quando se afastou para ir embora, *Tan̄xiwè* gritou para *Woros̄y* dizendo que vira seu ânus, que era feio e com uma pintura desordenada. O *Woros̄y*, que também era *aõni* [bicho], perseguiu *Tan̄xiwè*, enfurecido, mas este escapou, transformando-se em uma anta que corria muito. Ele conquistou para os humanos atuais os desenhos das pinturas corporais e a escrita, que foi entregue aos brancos. Ambos são conhecidos hoje como *Woros̄y hetxi ruritihik̄y* ("a pintura ou escrita do ânus do *Woros̄y*") (Rodrigues, 2008, p. 60)

Existem também outros mitos para o surgimento da pintura Javaé, como o de que as pinturas teriam sido herdadas do povo *Wèrè*, um dos povos que saíram das águas e tinham elementos culturais, como a língua, a comida e as pinturas (Ramos, 2016). Porém, todos esses mitos têm em comum o fato de que os Javaé se abriram à alteridade, ao interesse em aprender coisas novas ao saírem das águas, abertura essa que pode explicar o fato de, no contexto atual, esse povo ter interesse em conhecer a cultura do *tori* (homem branco), conforme afirma Tewaxi Javaé na pesquisa de Ramos (2016).

As pinturas corporais Javaé misturam arte e matemática, posto que, conforme constatou a pesquisadora Gabriela Camargo Ramos, em sua pesquisa de mestrado realizada em 2016, na aldeia Canoanã, "as pinturas [...] são formadas por linhas horizontais e verticais e padrões com motivos que representam diversas formas geométricas, meandros⁵ e gregas⁶." (Ramos, 2016,

⁵ Compreende-se por meandros os padrões constituídos por uma linha contínua formada por desenhos repetidos. (Ramos, 2016, p. 123).

⁶ Compreende-se por gregas os padrões que consistem na combinação e repetição de figuras constituídas por segmentos de retas, os quais formam ângulos retos entre si. (Ramos, 2016, p. 123).

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo In̄y. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

p. 123).

Nota-se que tal técnica, além de exigir sensibilidade artística do pintor, exige também, como observou Ramos (2016, p. 123), “a capacidade de ‘geometrizar’ o corpo mantendo a simetria e regularidade dos desenhos.” E o mais impressionante é que os(as) pintores(as) Javaé fazem desenhos simétricos sem utilizar rascunhos ou instrumentos de medidas. Samuel Saburua Javaé, professor indígena que trabalha a pintura Javaé na escola Tainã (aldeia Canoanã) relatou à pesquisadora Ramos (2016, p. 116) que “pintura é matemática, tem que pensar bem para não errar, tem que fazer as figuras todas iguais. Por exemplo, o triângulo, quando começa a pintura com o triângulo tem que medir, na cabeça mesmo, para fazer os triângulos tudo do mesmo tamanho”.

Veja, a seguir, algumas dessas pinturas geométricas dos Javaé:



Imagem 1: Pintura da costela do camaleão.
Fonte: Ramos (2016)



Imagem 2: Pintura do feijão (*Harabó*). **Fonte:** Ramos (2016)



Imagem 3: Pintura da pena de pássaro (*Dura riti*). **Fonte:** Ramos (2016)

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento



Imagem 4: Pintura dos Tapirapé. **Fonte:** Ramos (2016)

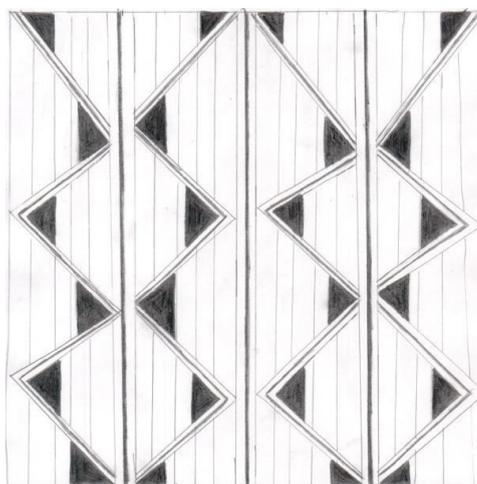


Imagem 6 - Pintura raiz de árvore (habu ode raruti). **Fonte:** Ramos (2016).

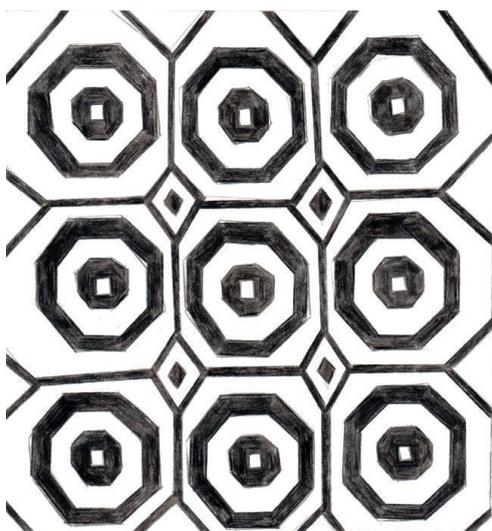


Imagem 5 - Pintura do casco do jabuti (*k)oty byna boro riti*). **Fonte:** Ramos (2016).

Como se pode notar, os desenhos são nomeados com palavras que remetem a elementos da natureza (animais e/ou plantas) e são interpretados, na cultura ocidental, como “figuras geométricas”; entretanto, ao associar os nomes dados aos desenhos, nota-se certa semelhança com o elemento da natureza que lhe deu o nome, o que revela a relação/interação dos Javaé com a natureza, a cosmologia e a história de seu povo. Não obstante, ao olhar dos não indígenas fazer essa associação nome/imagem não parece tão fácil como é para os indígenas que mantêm uma relação tão próxima com a natureza. Esses desenhos são apenas alguns exemplos da arte Javaé, eles produzem muitas outras figuras geométricas que fazem referência a elementos da natureza e das aldeias onde vivem.

De acordo com Ramos (2016), as pinturas Javaé são utilizadas em diversas situações do cotidiano das aldeias, representando um aspecto estético com alto grau de elaboração, admirado durante as festas e rituais. Além das pinturas, os Javaé se enfeitam, nos momentos de rituais e festas, também com adornos, como braçadeiras (*dexi*), perneiras (*dekobutè*), plumas de pássaros que são fixadas ao corpo com resina vegetal, brincos de penas e colares de miçangas

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

(Rodrigues, 2008).

Nas figuras 7 e 8, a seguir, podemos apreciar a beleza dessa arte Javaé:



Imagem 7: Pintura corporal utilizada no *Hetohokÿ*
Fonte: Ramos (2016).



Imagem 8 - Homens com pinturas e adornos dançando

durante o *Hetohokÿ*. **Fonte:** Ramos (2016).

Além dos adereços para serem usados no corpo, as mulheres Javaé “sabem fazer também esteiras, cestas e diversos enfeites com palha de buriti [...]” (Mattos et al, 2013, p. 110). Veremos, no tópico seguinte, que essas produções artesanais/artísticas dos Javaé estão se tornando, também, fonte de renda para as famílias, pois acabam sendo comercializadas com o homem branco ou com outros povos que visitam as aldeias Javaé.

Conforme descreve Ramos (2016), as pinturas corporais utilizadas são realizadas, principalmente, com uma tinta feita do fruto do jenipapo, misturado ao carvão vegetal; essa tinta também pode ser feita com o urucum, mas esta sai mais rápido do corpo do que aquela, que pode durar até por uma semana. A autora descreve que a pintura corporal para os Javaé é como a roupa que o homem branco utiliza no dia a dia, ou seja, representa estética, ornamentação e padrão de beleza, “entretanto, no que se refere à distinção de grupos sociais, de *status*, divisão de gênero, idade ou metades cerimoniais, as pinturas exercem um papel limitado”, sendo usadas, raramente, como definição de uma categoria, como, por exemplo, as pinturas que os meninos usam no ritual de iniciação masculina – *Hetohokÿ* - que representam, neste caso, a idade. (Ramos, 2016, p. 109). A autora menciona também que antes havia uma distinção entre pinturas utilizadas por homens e mulheres, contudo, hoje em dia todos acabam usando o mesmo tipo de pintura, independentemente do sexo. Ramos ressalta, ainda, que as pinturas corporais dos Javaé é uma forma de marcar a identidade desse povo, assim como dos demais povos indígenas:

Além da valorização estética atribuída às pinturas, nos relatos dos Javaé, as pinturas corporais representam características de uma sociedade, sendo um dos elementos que compõem a identidade de um povo. De acordo com Samuel Saburua Javaé, as pinturas serviam para “[...] diferenciar dos outros povos, se você encontrasse

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



com outro povo sabiam que você é Iny por causa da pintura. Cada povo tem sua pintura. Cada povo andava com sua pintura, e se encontrasse com outro povo já sabia quem era”. Nesta perspectiva, assim como o vestuário caracteriza diversas sociedades não indígenas, para os Javaé, a pintura corporal é um elemento cultural que marca uma identidade étnica. (Ramos, 2016, p. 111)

Como se pode notar, além da beleza e da criatividade presentes nas pinturas, adornos e utensílios Javaé, essa arte é uma forma de manter viva a cultura e identidade desse povo, revelando sua relação profunda com os elementos da natureza, suas histórias e cosmologia. Continuar praticando essa arte é, portanto, uma forma de manterem vivas suas tradições e essência.

LÍNGUA, ECONOMIA E SUBSISTÊNCIA: COMO VIVEM OS JAVAÉ HOJE?

De acordo com o último censo demográfico realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, a população Javaé é composta por 1.542 indígenas. (Brasil, 2010). Considerando que já se passaram muitos anos desde a realização desse censo, tentamos atualizar os dados populacionais dos povos indígenas Javaé junto ao Polo Indígena da Prefeitura de Formoso do Araguaia, contudo, como o presente artigo foi produzido durante o mês de dezembro de 2019, não conseguimos contato com o responsável pela pasta devido ao recesso de final de ano. Destarte, para pesquisas futuras, é interessante que tais dados sejam atualizados, a fim de se ter um panorama mais real a respeito da quantidade de indígenas Javaé que vivem na Ilha do Bananal.

Em sua pesquisa realizada em 2009, Lourenço menciona que os Javaé vivem especialmente da pesca e da caça, do cultivo da mandioca, do milho, da cana-de-açúcar, feijão, batata-doce, bananas, melancia, manga, pequi entre outras frutas, os quais compõem sua dieta alimentar básica. Com relação ao tipo de peixes que consomem, têm preferência pelos peixes de

escama, em detrimento dos peixes de couro, apreciando, também, a tartaruga. (Lourenço, 2009). Geralmente, são as mulheres que lidam com o processamento da mandioca, ficando os homens responsáveis pelos peixes, isso marca a especialidade de cada gênero nas aldeias Javaé. Todavia, Lourenço (2009) ressalta que isso não impede que os homens auxiliem suas esposas no preparo da farinha e as mulheres na pesca dos peixes e tartarugas.

Entretanto, conforme mencionam Mattos et al (2013), as águas dos lagos e rios na Ilha do Bananal têm diminuído, devido ao mal uso por parte do homem branco, causando redução considerável dos peixes e tartarugas. Além disso, “a implantação das lavouras irrigadas nessa região, com o uso de defensivos agrícolas aliado à derrubada das matas ciliares e causando erosão, assoreamento e poluição do rio Javaé, fez com que a cobertura vegetal se modificasse”. (Toral, 2002, apud Mattos et al, 2013, p. 109).

[...] os próprios Javaé relacionam o desaparecimento de peixes à utilização indiscriminada das águas do rio Javaés. Diversos lagos do interior da ilha têm secado repetidamente, o que é uma anomalia raramente vista. As bombas das lavouras irrigadas estariam atuando como um dreno, que impediria o enchimento satisfatório dos lagos do interior da Ilha do Bananal. (Toral, 2002, p. 45).

Diante disso, para complementar a dieta, os Javaé compram alimentos industrializados na cidade, usando os salários dos indígenas que possuem cargos públicos, como agentes de saúde e professores indígenas, bem como a aposentadoria dos avôs; além do dinheiro arrecadado com o comércio de peixes (vendem aqueles peixes que não apreciam muito, como os de escama) e aluguel de pastos para agropecuaristas da região. (Lourenço, 2009).

Toral (2002) ressalta que o uso de alimentos industrializados tem provocado a dependência dos indígenas Javaé do mercado regional e o

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



aumento de doenças crônicas, como o diabetes, doenças cardiovasculares e obesidade, causadas, sobretudo, devido ao aumento dos fatores de risco como o uso do álcool, tabaco, refrigerantes, açúcar refinado, massas e empobrecimento da dieta em frutas e vegetais.

De acordo com Mattos et al (2013), outra maneira de complementar a renda, é a produção de artesanato Javaé para o comércio, venda ou troca, com diversas sociedades, indígenas e não indígenas. Esse artesanato é produzido pelas mulheres indígenas, que utilizam material rico e diversificado, a maioria encontrados na natureza, contribuindo, assim, na economia doméstica, papel antes reservado aos homens como pescador ou comerciante. “As mulheres confeccionam colares e pulseiras, a matéria prima é de pena de pássaros, coco e frutas adquiridas dentro da própria terra indígena. Elas sabem fazer também esteiras, cestas e diversos enfeites com palha de buriti [...]” (Mattos et al, 2013, p. 110).

Atualmente, os Javaé vivem uma situação de convívio com a sociedade envolvente e frequentam muito as cidades de Formoso do Araguaia (que fica a 50 km da maior aldeia – Canoanã) e Gurupi (que fica a 120 km da aldeia Canoanã). Nessas cidades, os indígenas têm acesso a supermercados, bancos, hospital e meio de transporte para outras cidades. Ramos (2016, p. 50) afirma que “os Javaé ocupam cargos públicos no nível municipal, estadual e federal, bem como cargos políticos, atuando em secretarias do governo.” A autora menciona também que muitos indígenas trabalham na área da saúde nos postos associados à FUNASA; na área da educação como professores das escolas indígenas e nas associações, como a CONJABA (Conselho das Organizações Indígenas do Povo Javaé da Ilha do Bananal); “há empregos também em projetos do governo como a formação de brigadas indígenas – com o intuito de combater os incêndios na Ilha do Bananal” (Ramos, 2016, p. 51).

Nota-se que os Javaé estão buscando a interação com a sociedade não indígena e adquirindo conhecimentos científicos do homem branco que lhes permitem assumirem postos de trabalho que garantam o sustento de suas famílias, já que os recursos naturais da Ilha do Bananal estão escassos. Ademais, esses conhecimentos da sociedade majoritária lhes permitem uma maior autonomia na luta por seus direitos e pela manutenção de suas tradições culturais, bem como a possibilidade de trabalhar dentro da sua própria aldeia (como professor indígena ou agente de saúde indígena), contribuindo para o bem estar da comunidade.

No que concerne à língua materna desse povo, segundo a classificação de Aryon Rodrigues (1986), a língua falada pelos Javaé é a língua Javaé, que pertence à família linguística Karajá e ao tronco linguístico Macro-Jê. Segundo o autor, há três línguas pertencentes à família Karajá, a saber: Javaé, Karajá e Xambioá. Segundo Maia (1986), a língua Javaé é denominada pelo grupo que a fala de *inyrybè*, a “fala da gente.”

O site “Povos indígenas no Brasil” traz a seguinte informação sobre a língua Karajá:

A língua Karajá, estudada por vários pesquisadores, é conhecida pela notável diferença entre a fala masculina e a feminina, o que expressa a forte divisão entre as diferentes perspectivas e esferas de atuação de homens e mulheres. O contraste se dá, na maior parte dos casos, pela letra “k”, como na palavra “chuva”, que é *biu*, para os homens, e *biku*, para as mulheres. De acordo com Fortune & Fortune (1986), a diferença é marcada em 30% das palavras usadas pelas mulheres. Entre os Javaé, cujo dialeto apresenta maiores diferenças intrínsecas em relação aos outros, a diferença entre as duas falas persiste, apesar de não ser tão acentuada como entre os Karajá e Xambioá, ao contrário do que supuseram alguns antropólogos. (Povos indígenas no Brasil, 2019, p. 1)

De acordo com Silva e Borges (2011) os Javaé, devido ao contato com a população não indígena,

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

são bilíngues ativos, ou seja, falam sua língua materna e a língua portuguesa como segunda língua. Quanto ao uso social das duas línguas, esse povo usa a língua materna nos seguintes domínios sociais: em casa, no convívio familiar (seja na aldeia ou na cidade); na aldeia, entre os membros desta; e na escola (alternando com a língua portuguesa). A língua portuguesa, por sua vez, é utilizada na cidade, quando em interação com o homem branco (*tori*); na escola (alternando com a língua materna); na aldeia, ao se dirigirem a visitantes não indígenas. Cumpre ressaltar que os Javaé, assim como a maioria dos povos indígenas tocaninenses, consideram as duas línguas importantes, revelando uma atitude positiva quanto ao bilinguismo.

Todavia, nota-se que o convívio com a sociedade não indígena tem ocasionado a perda da cultura, da língua e da identidade Javaé, até mesmo porque, no decorrer da história da colonização brasileira, um dos principais objetivos sempre foi a aculturação e a catequização dos povos indígenas, aos quais era imposta a língua portuguesa, os costumes e a religião do homem branco, conforme afirma Grupioni (2001).

Diante desse cenário, é imprescindível a implementação de políticas públicas que contribuam para que os Javaé continuem tendo condições de viverem em suas terras, praticando suas tradições culturais e sua língua materna. Cumpre ressaltar que grandes avanços vêm acontecendo, mormente, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, que assegurou aos povos indígenas o direito de manifestar suas crenças, tradições, línguas e organização social, assim como a demarcação de suas terras; o que antes lhes era negado, já que o objetivo do colonizador sempre foi a integralização dos povos autóctones à sociedade majoritária.

Outro avanço foi com relação à educação

escolar indígena⁷, a qual, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN (Lei nº 9.394/96), passou a ser específica, bilíngue, diferenciada e intercultural, praticada dentro das aldeias por professores indígenas e não indígenas. Esse tipo de educação escolar tem sido ofertada nas escolas das aldeias Javaé e, apesar dos grandes desafios que enfrenta, como falta de material didático específico e falta de conhecimento por parte dos professores não indígenas a respeito da língua e da cultura das comunidades onde atuam⁸, tem contribuído para que a língua e as tradições culturais do povo Javaé sejam ensinadas às crianças e jovens indígenas, garantindo, assim, a recuperação de suas memórias históricas e a reafirmação de sua identidade étnica, conforme preconiza a Lei nº 9.394/96.

Não obstante, mesmo com tais garantias legais, sabemos que a realidade é bem diferente, e os Javaé enfrentam muitas dificuldades (tanto em seus processos educacionais, quanto com relação à escassez de recursos naturais para a subsistência de suas famílias) para continuarem vivendo em suas terras na Ilha do Bananal, lugar sagrado para esse povo que, mesmo tendo sido despertado para a alteridade, ainda cultivam sua arte, festas e rituais sagrados que fazem parte de sua identidade étnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou conhecer um pouco da realidade vivenciada pelo povo Javaé, habitantes imemoráveis da Ilha do Bananal, Estado do Tocantins. Foi feito um breve estudo, por meio de pesquisa bibliográfica, a respeito da mitologia, cultura, língua, arte, organização

⁷ Neste artigo, não aprofundamos o estudo sobre a educação escolar intercultural e bilíngue do povo Javaé, pois, dada a sua relevância e especificidade, é necessário um artigo para tratar especificamente desta temática.

⁸ Informações cedidas pela Diretoria Regional de Ensino (DRE) de Gurupi – TO, que é responsável por coordenar e supervisionar as escolas indígenas Javaé.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

social e atividades econômicas que praticam para sua subsistência.

Vimos que os Javaé têm lutado para sobreviverem à exploração do homem branco, procurando manter vivas suas tradições culturais, buscando, outrossim, conhecimentos científicos que os permitam interagir de forma autônoma com a sociedade envolvente.

Ficou evidenciado que esse povo, que se autodenomina *Iny*, possui cultura, arte e cosmologia muito ricas, as quais precisam ser preservadas e repassadas para as novas gerações, para que não se percam. Todavia, para que isso ocorra, é necessária luta diária das comunidades Javaé e vontade política.

Esse povo, na contemporaneidade, enfrenta muitos desafios para viverem em suas aldeias, pois a exploração dos recursos naturais da Ilha do Bananal pelo homem branco tem causado alterações no meio ambiente do local, como mudanças na vegetação, diminuição do fluxo da água dos rios e a escassez de peixes e caças, levando-os a consumirem alimentos industrializados comprados na cidade, os quais têm causado aumento de várias doenças, bem como o alcoolismo e tabagismo entre os indígenas.

A luta dos Javaé para manterem sua identidade em meio às adversidades tem sido diária e contínua, mas eles têm se esforçado para continuar vivendo em suas terras e praticando

suas festas e rituais sagrados, para tanto, têm descoberto novas formas de garantir o sustento de suas famílias, seja por meio da confecção e venda de artesanato, venda de peixes ao homem branco ou aluguel de pastos a agropecuaristas, seja por meio de empregos públicos, como os de professores ou agentes de saúde.

Sabemos que o atual cenário político não está muito favorável no que concerne a políticas públicas voltadas aos povos indígenas e à preservação de suas culturas, todavia é necessário que a luta continue e que, mesmo na adversidade, projetos e pesquisas acadêmicos sejam desenvolvidos nas aldeias Javaé, e que tais pesquisas tragam retorno imediato a esse povo, no sentido de contribuir para a valorização de seus conhecimentos tradicionais, de sua arte, de sua cultura e língua materna, bem como para a aquisição de conhecimentos científicos da sociedade majoritária que os permitam interagir com ela de forma autônoma e igualitária, atendendo às expectativas das comunidades Javaé.

Ademais, urge que o poder público tome providências no sentido de garantir a preservação ambiental da Ilha do Bananal, para que os recursos naturais, que sustentam os povos indígenas que a habitam, voltem a ser abundantes.

Recebido em: agosto/2020
Aprovado em: dezembro/2020
Publicado em: março/2021

REFERÊNCIAS

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (2010). *Censo Demográfico 2010*. Características gerais dos indígenas. Resultados do universo. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

BRASIL, República Federativa do (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal.

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo *Iny*. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



- BRASIL, República Federativa do (1996). *Lei nº 9394/96, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado Federal.
- GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (2001). Experiências e Desafios na Formação de Professores Indígenas no Brasil. *Revista Enfoque "Qual é a questão?"* Em Aberto. Brasília, v. 20, n. 76, p. 13-18.
- LOURENÇO, Sonia Regina (2009). *Brincadeiras de aruanã: performances, mito, música e dança entre os Javaé da Ilha do Bananal (TO)*. [Tese de Doutorado]. PPGAS - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- MAIA, Marcus Antônio Rezende (1986). *Aspectos tipológicos da língua Javaé*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- MATTOS, Maria Leci de Bessa et al (2013). O povo indígena Javaé na Ilha do Bananal – TO: uma análise sobre o desenvolvimento dessas comunidades. *CEREUS*, v. 5, n. 3,, p. 101 – 116.
- POVOS indígenas no Brasil (2019). *Javaé*. Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/javae>>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- RAMOS, Gabriela Camargo (2016). *Sistema de numeração e pinturas corporais Javaé: a etnomatemática por uma relação dialógica entre cultura e educação escolar*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Goiás: Goiânia.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- RODRIGUES, Patrícia de Mendonça (2008). *A caminhada de Tanÿxiwè: uma teoria Javaé da História*. [Tese de Doutorado] Chicago, Illinois: Universidade de Chicago.
- SABURUA JAVAÉ, Samuel (2014). *Hetohokÿ: A grande festa do povo Javaé*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal de Goiás – Educação Indígena: Goiânia.
- SILVA, Maria do Socorro Pimentel da; BORGES, Mônica Veloso (2011). Políticas linguísticas e pedagógicas em práticas de educação bilíngue intercultural. *Educação Indígena*, RBPG, Brasília, supl. 1, v. 8, p. 249 - 273, dez. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/55639/Downloads/251-Texto%20do%20artigo-567-1-10-20120710.pdf>>. Acesso em: <07 abril 2020.
- TORAL, André Amaral de (2002). *Diagnóstico socioambiental das comunidades Karajá e Javaé da Ilha do Bananal (TO)*. Palmas: IE.

Solange Cavalcante de Matos; Francisco Edviges Albuquerque. Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal: Um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Inÿ. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 112-126, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)